

O Jornal do Agronegócio Brasileiro. Agricultura, Pecuária, Meio Ambiente, Indústria, Energia e Turismo

BRASIL CONFIRMA SAFRA RECORDE DE 169 MILHÕES DE TONELADAS DE SOJA

TECNOLOGIA DA EMBRAPA MEDE MASSA DE PASTO COM 86% DE PRECISÃO

O sistema processa dados de satélites que captam diferentes comprimentos de onda refletidos pela vegetação, com destaque para as bandas do "red-edge", sensíveis à clorofila. Essas informações são cruzadas com variáveis climáticas, como pluviosidade e radiação solar, por meio de modelos de inteligência artificial. O resultado é um mapa de biomassa que indica a quantidade exata de matéria seca disponível por hectare em cada talhão da fazenda. *Página 2.*

EMBARQUES DE CARNE SUÍNA BATEM RECORDE APÓS ACORDOS COM A RÚSSIA

Página 9.

Foto: Divulgação Semadesc



Com 35% da área colhida, o Brasil estima produção de 169 milhões de toneladas de soja na safra 25/26, mantendo a liderança global do setor produtivo.

O Brasil consolida sua liderança global na produção de soja ao atingir 35% da área colhida na safra 2025/2026. A estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indica um volume total de 169 milhões de toneladas, com produtividade média de 3.600 quilos por hectare. Em Mato Grosso do Sul, o ritmo acelerado das máquinas assegura a janela ideal para o plantio do milho safrinha. No Mato Grosso, o volume expressivo de grãos enfrenta o desafio das chuvas pontuais, que exigem atenção na logística de escoamento. Este cenário de abundância encontra suporte na demanda contínua do mercado asiático, mantendo o fluxo das exportações em patamares elevados. O uso de biotecnologia e a gestão rigorosa de custos permitiram ao produtor manter a sanidade das lavouras sob oscilações climáticas. O setor agora concentra esforços na capacidade de armazenamento e no transporte da produção recorde até os portos, garantindo o abastecimento internacional com eficiência.

Página 3.

BIOLÓGICOS: BACTÉRIAS PROTEGEM RAÍZES CONTRA O VERANICO

Páginas 5.

RETENÇÃO DE FÊMEAS SINALIZA VIRADA NO CICLO PECUÁRIO EM 2026

Páginas 7.

TECNOLOGIA ESPACIAL OTIMIZA O MANEJO DE FORRAGEM NA PECUÁRIA BRASILEIRA

A Embrapa validou uma ferramenta que integra inteligência artificial e satélites para calcular a massa de pasto com 86% de precisão em todo o território nacional.

A pecuária brasileira ingressa em uma nova etapa de precisão com a consolidação de sistemas que unem sensoriamento remoto e algoritmos de aprendizagem de máquina. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) concluiu a validação de uma metodologia que utiliza imagens de satélites e dados meteorológicos para quantificar a disponibilidade de forragem. A inovação permite ao produtor monitorar o crescimento do capim sem a necessidade de coletas manuais exaustivas em campo.

O sistema processa dados de satélites

que captam diferentes comprimentos de onda refletidos pela vegetação. Essas informações são cruzadas com variáveis climáticas, como pluviosidade e radiação solar, por meio de modelos de inteligência artificial. O resultado é um mapa de biomassa que indica a quantidade exata de matéria seca disponível por hectare em cada talhão da fazenda, facilitando a tomada de decisão sobre o pastejo.

A precisão do método atingiu o índice de 86% em áreas de criação extensiva e intensiva, conforme os testes realizados em biomas como o Cerrado e a Mata Atlântica. Esse nível de acerto oferece segurança técnica para que o pecuarista ajuste a taxa de lotação dos piquetes de forma dinâmica. O monitoramento contínuo evita o superpastejo, que causa a degradação do solo, e o subpastejo, que resulta em perda de qualidade nutricional da forragem.

A integração tecnológica auxilia na maximização do ganho de peso diário dos animais. Ao saber a quantidade de capim disponível, o gestor consegue planejar o momento exato da rotação entre os piquetes, garantindo que o rebanho sempre consuma a pastagem no seu ponto ideal de proteína e digestibilidade. Essa eficiência reflete diretamente na redução do tempo de abate e no aumento da produtividade de carne por área.

O uso da ferramenta digital também contribui para a sustentabilidade e para a pecuária de baixo carbono. Pastagens bem manejadas possuem maior capacidade de sequestro de carbono e apresentam raízes mais profundas, o que melhora a retenção de água no solo. O sistema gera alertas automáticos quando a cobertura vegetal atinge níveis críticos, permitindo que o produtor tome medidas preventivas antes que a degradação ocorra.

EFICIÊNCIA OPERACIONAL E GESTÃO DE RECURSOS - O acesso aos dados é feito por meio de plataformas digitais acessíveis por computadores e dispositivos móveis. O produtor visualiza as manchas de produtividade da fazenda



Foto: Divulgação

em cores, identificando rapidamente quais áreas necessitam de adubação ou descanso. Essa visualização espacial elimina a subjetividade do manejo tradicional e profissionaliza o controle do principal insumo da pecuária de corte, que é o pasto.

Os pesquisadores da Embrapa destacam que a inteligência artificial aprende com as variações sazonais de cada região. O algoritmo considera as diferenças de crescimento entre espécies como a Brachiaria e o Panicum, ajustando os cálculos conforme a fisiologia de cada planta. Essa especificidade técnica é o que garante a robustez das estimativas em diferentes épocas do ano, inclusive durante a transição entre as águas e a seca.

A redução de custos operacionais é um benefício imediato da adoção desta tecnologia. A equipe de campo pode ser direcionada para atividades de maior valor agregado, enquanto o monitoramento da oferta de alimento ocorre de forma automatizada. Além disso, o ajuste preciso da suplementação no cocho, baseado no que o animal já consome no pasto, evita o desperdício de concentrados e melhora a conversão alimentar.

CONECTIVIDADE E ADOÇÃO REGIONAL - A expansão da conectividade rural em estados como Mato Grosso do Sul

e Mato Grosso impulsiona a utilização de soluções baseadas em satélite. O armazenamento dos dados em nuvem permite que consultores e técnicos de campo acessem o histórico da propriedade para elaborar planejamentos de longo prazo. A transparência das informações também facilita a obtenção de créditos rurais sustentáveis, onde a prova de bom manejo ambiental é exigida.

As empresas de tecnologia agrícola já iniciaram o licenciamento da metodologia da Embrapa para integrar a funcionalidade em softwares de gestão pecuária. A expectativa é que, até o final de 2026, uma parcela considerável das fazendas de cria e recria utilize o sensoriamento remoto como base para o manejo forrageiro. O Brasil reafirma sua posição na vanguarda da pecuária de precisão, aliando ciência espacial à rotina do campo.

O monitoramento por satélite também funciona como uma ferramenta de gestão de riscos climáticos. Ao observar a curva de crescimento da pastagem ao longo dos anos, o produtor consegue prever com maior exatidão a necessidade de venda de animais ou de compra de insumos externos. A ciência aplicada ao manejo de pastagens assegura que a pecuária nacional mantenha a competitividade global com foco em eficiência e preservação dos recursos naturais.

Agroin[®]
comunicação

JORNAL AGROIN AGRONEGÓCIOS
Circulação Nacional

ANO XX - Nº 255
16 de fevereiro de 2026

Diretor:
WISLEY TORALES
wisley@agroin.com.br - 67 9.9974-6911

Jornalista Responsável:
WISLEY TORALES / DREMS 2254
wisley@agroin.com.br

Direto à Redação:
SUGESTÕES DE PAUTA
agroin@agroin.com.br - wisley@agroin.com.br

O Jornal Agroin Agronegócios é uma publicação de responsabilidade da Agroin Comunicação.

Tiragem:
--- 100% DIGITAL ---
Versão Digital: 108.527 e-mails válidos

Redação, Publicidade e Assinaturas
Rua Ana Paula Fernandes, 471,
Jardim Itatiaia, CEP 79042-130
Campo Grande-MS
Fone: (67) 3382-1739
wisley@agroin.com.br
www.agroin.com.br

AGROIN COMUNICAÇÃO
Não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas entrevistas ou matérias assinadas.



BRASIL CONFIRMA SAFRA RECORDE DE 169 MILHÕES DE TONELADAS DE SOJA

Com 35% da área colhida, o Brasil estima produção de 169 milhões de toneladas de soja na safra 25/26, mantendo a liderança global do setor produtivo.

O avanço das colheiteiras pelas principais regiões produtoras do Brasil confirma as projeções de uma safra robusta para o ciclo 2025/2026. Dados consolidados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indicam que o país ultrapassou a marca de um terço da área total colhida até meados de fevereiro. A produtividade média nacional se mantém estável em 3.600 quilos por hectare, o que equivale a 60 sacas por hectare.

Em Mato Grosso do Sul, o ritmo das máquinas é acelerado. O produtor sul-matogrossense aproveita os dias de sol para retirar o grão do campo e viabilizar a janela de plantio do milho safrinha. A agilidade nesta etapa determina o sucesso do segundo ciclo, que exige solo com umidade residual

adequada e temperaturas favoráveis ao desenvolvimento inicial das plantas de milho.

No Mato Grosso, estado líder na produção nacional, o cenário apresenta contornos distintos. Embora o volume de grãos seja elevado, o excesso de chuvas em pontos específicos da região norte tem dificultado a logística interna das fazendas. O solo encharcado impede a entrada constante de máquinas, gerando esperas pontuais que o agricultor monitora com cautela para evitar a perda de qualidade do grão.

A estimativa de 169 milhões de toneladas coloca o Brasil em uma posição estratégica no mercado internacional. Este volume representa um crescimento em relação ao ciclo anterior e consolida a capacidade brasileira de atender à demanda crescente, especialmente do mercado asiático. A China

permanece como o principal destino das exportações, acompanhando de perto o rendimento das lavouras sul-americanas.

A qualidade fisiológica da soja colhida até o momento agrada aos técnicos e cooperativas. O peso do grão e a sanidade das lavouras demonstram que o manejo adotado, com foco em biotecnologia e nutrição de precisão, trouxe resultados positivos. Mesmo com janelas climáticas estreitas para o plantio no final de 2025, as plantas apresentaram bom desenvolvimento vegetativo.

O escoamento da produção agora se torna o foco das atenções nas associações de produtores. Com a safra recorde, a demanda por fretes e a capacidade de armazenamento nos portos de Santos (SP) e Paranaguá (PR) operam próximas do limite. O monitoramento das rodovias e a eficiência no transbordo ferroviário são elementos determinantes para garantir que a soja chegue ao destino sem perdas.

O custo de produção para esta safra exigiu uma gestão financeira rígida. A estabilização nos preços de fertilizantes

e defensivos permitiu um planejamento mais assertivo, embora as margens de lucro dependam diretamente das cotações em Chicago. O produtor utiliza ferramentas de mercado futuro para travar preços e assegurar a rentabilidade da operação diante da abundância de oferta global.

O monitoramento meteorológico para o restante de fevereiro indica a permanência de chuvas isoladas no Centro-Oeste. Esta condição favorece as áreas que ainda estão em fase de enchimento de grãos, mas exige atenção redobrada de quem está com as máquinas no campo. A precisão na meteorologia agrícola se tornou uma ferramenta de trabalho indispensável para o escalonamento da colheita.

A Companhia Nacional de Abastecimento mantém as vistorias de campo para atualizar os números de produtividade final em cada microrregião. O balanço completo da safra 25/26 será apresentado nos próximos relatórios, considerando o rendimento das áreas de fechamento tardio e o impacto do clima no Matopiba e na região Sul do país.

Notícias do mundo agro é no
PORTAL AGROIN acesse

www.agroin.com.br

MILHO 2026: PRODUTOR DE MS MONITORA PRESSÃO DE PRAGAS NA SEGUNDA SAFRA

Com custos de produção estabilizados, produtores de milho safrinha intensificam o monitoramento da cigarrinha para evitar perdas pelo complexo de enfezamento.

O plantio da segunda safra de milho em 2026 avança sob um cenário econômico de maior previsibilidade para o agricultor brasileiro. Após ciclos marcados pela volatilidade nos preços dos insumos, o mercado de fertilizantes e sementes apresenta estabilização em fevereiro. Este alívio nos custos operacionais permite que o produtor direcione investimentos para a proteção da lavoura, focando especialmente no controle fitossanitário.

A principal preocupação técnica nas regiões produtoras de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás é a pressão exercida pela cigarrinha-do-milho (*Dalbulus maidis*). O inseto atua como vetor de microrganismos causadores do complexo de enfezamentos e viroses, patologias que comprometem o desenvolvimento das espigas. O monitoramento precoce surge como a ferramenta mais eficaz para garantir a produtividade projetada para este ciclo.

Dados da Fundação de Apoio à Pesquisa Agropecuária de Mato Grosso do Sul (Fundems) indicam que a incidência da praga tende a ser maior em áreas com presença de milho voluntário, as chamadas tigueras. Estas plantas servem como reservatório para os patógenos e para o próprio inseto entre as safras. A eliminação mecânica ou química destas plantas antes do plantio oficial é um passo determinante para reduzir

o inóculo inicial nas lavouras.

A gestão do complexo de enfezamentos exige uma estratégia integrada que começa na escolha do híbrido. A utilização de sementes com maior tolerância genética aos enfezamentos pálido e vermelho minimiza os danos fisiológicos mesmo sob pressão do vetor. Associado a isso, o tratamento de sementes com inseticidas sistêmicos oferece uma proteção inicial necessária nos primeiros 20 dias após a emergência das plantas.

O controle químico deve ser pautado pela presença do inseto e não por calendários fixos. Agrônomos recomendam a rotação de princípios ativos para evitar o surgimento de populações resistentes à cigarrinha. O uso de inseticidas de contato e sistêmicos, alternados com produtos biológicos, tem apresentado resultados satisfatórios no controle populacional e na preservação de inimigos naturais presentes no ecossistema agrícola.

O impacto econômico do enfezamento pode reduzir a produtividade em até 70% em casos de alta infestação não controlada. Como o milho safrinha é cultivado em uma janela climática onde as chuvas começam a diminuir, qualquer estresse adicional causado por pragas compromete a absorção de nutrientes. A planta doente apresenta raízes subdesenvolvidas, o que agrava a vulnerabilidade do milho aos períodos de estiagem curta comuns em abril e maio.



Foto: Divulgação

A Embrapa Milho e Sorgo destaca que o manejo regionalizado é o caminho para o controle sustentável. Quando os produtores de uma mesma microrregião adotam práticas coordenadas, como o vazio sanitário do milho e a sincronização do plantio, a dispersão da cigarrinha é contida com maior eficiência. O esforço coletivo reduz a necessidade de múltiplas entradas de pulverização, otimizando o custo operacional da propriedade.

As cotações do milho no mercado interno mostram sinais de sustentação, o que motiva o produtor a buscar o teto produtivo da lavoura. Com a colheita da soja liberando as áreas dentro da janela ideal em Mato Grosso do Sul, a safrinha 2026 tem potencial para alcançar volumes expressivos. A rentabilidade final do cereal dependerá diretamente da capacidade do agricultor em manter a sanidade das plantas

durante o período vegetativo.

O governo estadual e as associações de produtores mantêm campanhas de alerta sobre a importância do manejo da cigarrinha. Relatórios semanais de monitoramento são disponibilizados para auxiliar na tomada de decisão sobre o momento exato de intervenção. A tecnologia de aplicação, com bicos de pulverização adequados e volumes de calda precisos, garante que o defensivo atinja o alvo com a eficácia necessária.

As cooperativas agrícolas intensificam a assistência técnica para orientar sobre o uso de bioinsumos no controle da cigarrinha. O uso de fungos entomopatogênicos ganha espaço como uma alternativa sustentável e eficaz para o manejo de resistência. Esta integração de métodos químicos e biológicos define o novo patamar de produtividade que o milho safrinha brasileiro busca atingir na atual temporada.

MANEJO DO SOLO GANHA FORÇA NA SAFRINHA

Soluções voltadas ao equilíbrio físico, químico e biológico do solo ganham espaço

O manejo do solo tem ganhado protagonismo nas decisões do campo diante de margens mais apertadas, clima instável e busca por eficiência. Em culturas como milho, feijão e algodão, especialmente na safrinha, investir na construção e regeneração do perfil do

solo passou a ser estratégia para ampliar a resiliência e reduzir riscos produtivos.

Dados do 4º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26, da Conab, mostram que, apesar do avanço de 0,3% na produção nacional, estimada em 353,1 milhões de toneladas, e da expansão de 2,6% da área, a produtividade segue pressionada por eventos climáticos extremos e limitações físicas dos solos. No milho, fortemente dependente da segunda safra, a projeção é de queda de 1,5% na produção total e de

5,3% na produtividade média, reflexo de veranicos e calor intenso.

Nesse contexto, soluções voltadas ao equilíbrio físico, químico e biológico do solo ganham espaço. Em uma área de feijão destinada à produção de sementes, o uso do Microgeo®, da Allterra, focado na recomposição do microbioma, contribuiu para maior uniformidade e estabilidade das plantas ao longo do ciclo. Já o manejo nutricional com cálcio, por meio do Calsite/Isofertil, também da Allterra, tem sido adotado

para fortalecer o perfil do solo e estimular o desenvolvimento radicular, favorecendo a tolerância a estresses hídricos e térmicos.

Em lavouras de milho safrinha plantadas em 2026, áreas com histórico de construção de perfil apresentaram ganhos estimados entre 10 e 20 sacas por hectare. Mais do que elevar produtividades, a estratégia busca previsibilidade e redução de perdas, fator decisivo em culturas sensíveis e em sistemas que exigem estabilidade estrutural e nutricional ao longo do ciclo.

BIOINSUMOS: NOVAS BACTÉRIAS PROTEGEM RAÍZES CONTRA O VERANICO

Pesquisadores da Embrapa validaram um consórcio de microrganismos que aumenta a resiliência das raízes e mantém a produtividade em períodos de seca.

A Embrapa Cerrados oficializou o lançamento de uma tecnologia baseada em consórcios microbianos desenhada para enfrentar um dos maiores desafios da agricultura tropical: o estresse hídrico. A solução utiliza uma combinação de bactérias multifuncionais que atuam diretamente na rizosfera das plantas, promovendo um sistema radicular mais robusto e profundo. Este avanço tecnológico chega ao mercado como uma ferramenta estratégica para produtores que enfrentam períodos de veranico durante o ciclo das culturas.

O diferencial desta tecnologia reside na seleção criteriosa de linhagens bacterianas que sobrevivem em condições de baixa humidade. Estes microrganismos produzem substâncias que estimulam a planta a expandir suas raízes secundárias e pelos absorventes. Com uma estrutura radicular mais ampla, a planta consegue acessar reser-

vas de água em camadas mais profundas do solo, mantendo seus processos fisiológicos ativos mesmo quando a precipitação cessa por vários dias.

Os ensaios de campo realizados em diversas regiões produtoras do Brasil demonstraram a eficácia da aplicação. Em áreas sob estresse hídrico controlado, as lavouras tratadas com o novo inoculante mantiveram uma produtividade 12% superior em comparação às áreas que não receberam o tratamento biológico. Este índice representa uma segurança produtiva considerável, permitindo que o agricultor preserve o potencial genético das sementes sob condições climáticas adversas.

O uso de bioinsumos consolidou-se como uma prática padrão na agricultura de alto rendimento. A substituição parcial ou o complemento de insumos químicos por soluções biológicas reduz a dependência de fertilizantes importados e melhora a saúde biológica do solo.



Foto: Divulgação Aníbio

As bactérias selecionadas pela Embrapa também auxiliam na solubilização de nutrientes como o fósforo, tornando-os mais disponíveis para a planta durante todo o ciclo de desenvolvimento.

A aplicação do produto ocorre de forma simplificada, podendo ser realizada via tratamento de sementes ou aplicação direta no

sulco de plantio. Esta versatilidade permite que o produtor integre a tecnologia ao seu parque de máquinas atual, sem necessidade de investimentos em novos equipamentos. O custo por hectare é significativamente inferior ao de tratamentos químicos convencionais, favorecendo a rentabilidade final da safra.

EFICIÊNCIA FISIOLÓGICA E RESILIÊNCIA

Além da busca por água, os microrganismos atuam na proteção das plantas contra o estresse oxidativo causado pelo excesso de temperatura. Em períodos de sol intenso e falta de chuva, as plantas tendem a fechar os estômatos para evitar a perda de água, o que interrompe a fotossíntese. O consórcio bacteriano ajuda a regular estes mecanismos hormonais, permitindo que a planta retome o crescimento mais rapidamente assim que a humidade retorna ao solo.

A pesquisa liderada pela Embrapa Soja e Embrapa Cerrados consumiu anos de seleção em laboratório e casas de vegetação antes de chegar aos testes em larga escala. A validação científica garante que o consórcio

de microrganismos seja estável e mantenha sua eficiência em diferentes tipos de solo, desde os mais argilosos até os arenosos. Esta estabilidade é fundamental para a recomendação técnica em larga escala nas fronteiras agrícolas brasileiras.

O lançamento ocorre em um momento em que as oscilações climáticas se tornam mais frequentes. O planejamento das safras exige agora ferramentas que vão além da genética da semente, focando na biologia do solo. O uso destas bactérias multifuncionais cria um ambiente mais favorável para o desenvolvimento da lavoura, mitigando os riscos financeiros associados a perdas por seca, que historicamente causam prejuízos bilionários ao setor.

DISPONIBILIDADE E ADOÇÃO NO CAMPO

As empresas parceiras da Embrapa já iniciaram a produção industrial dos inoculantes para a safra 2026. A expectativa é que a tecnologia esteja disponível nas principais cooperativas e revendas agrícolas do país até o início do próximo ciclo de plantio. Técnicos de campo recebem formação específica para orientar os produtores sobre as melhores janelas de aplicação e compatibilidade com outros defensivos agrícolas.

A adoção desta tecnologia sinaliza uma mudança de paradigma na gestão da fertilidade do solo. O foco deixa de ser apenas a reposição de NPK (Nitrogênio, Fósforo e Potássio) e passa a contemplar a vida microbiana como aliada na produtividade. A integração de práticas sustentáveis com inovação científica assegura que o agronegócio brasileiro mantenha sua competitividade global, respeitando os limites ambientais e aumentando a eficiência no uso de recursos naturais.

O monitoramento contínuo das áreas tratadas permitirá que a Embrapa refine as recomendações para cada bioma brasileiro. A meta é expandir o uso desta tecnologia para outras culturas, como milho e feijão, que também sofrem impactos severos com a irregularidade das chuvas. O avanço da ciência biológica no campo reafirma o papel do Brasil como exportador de soluções tecnológicas para a agricultura tropical em todo o mundo.

PECUÁRIA: NOVOS ACORDOS COM PAÍSES ASIÁTICOS REDUZEM BUROCRACIA EM 15%

O Ministério da Agricultura oficializou novos protocolos sanitários para a exportação de carne bovina brasileira à Tailândia e ao Vietnã, reduzindo a burocracia.

O Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) confirmou a implementação de novos protocolos sanitários que facilitam o ingresso da carne bovina brasileira em mercados estratégicos do Sudeste Asiático. A medida beneficia diretamente as vendas para a Tailândia e o Vietnã, países que apresentam demanda crescente por proteína vermelha. O ajuste foca na modernização dos certificados sanitários internacionais, agora emitidos de forma eletrônica.

A transição para o modelo digital substitui os processos físicos que historicamente atrasavam o desembaraço das cargas nos portos de destino. Com a eliminação do uso de documentos em papel, as autoridades brasileiras e asiáticas estabeleceram um canal direto de verificação de autenticidade. Esta mudança garante maior segurança jurídica e sanitária para as empresas exportadoras brasileiras.

Dados da Secretaria de Comércio e Relações Internacionais indicam que a digitalização dos processos deve reduzir o tempo médio de trânsito aduaneiro em cerca de 15%. Na prática, a carga liberada nos portos de Santos (SP) ou Paranaguá (PR) chega ao mercado consumidor asiático com menor custo logístico de espera. A agilidade beneficia a preservação da qualidade do produto in natura.

O Sudeste Asiático consolidou-se como



um destino prioritário para o excedente de produção do Centro-Oeste brasileiro. O aumento da renda per capita nessas nações reflete diretamente na mudança de hábitos alimentares, com a substituição de outras proteínas pela carne bovina. O Brasil aproveita este movimento para diversificar sua carteira de clientes, diminuindo a dependência excessiva de um único comprador.

A rastreabilidade digital é o pilar central desta nova fase das exportações. Os sistemas integrados permitem que os importadores tailandeses e vietnamitas acessem informações precisas sobre a origem do rebanho e o cumprimento das normas de bem-estar animal. O governo brasileiro utiliza esta transparência como argumento técnico para demonstrar a robustez dos controles sanitários nacionais.

Especialistas da Scot Consultoria observam que a abertura destes canais exerce um papel relevante na formação de preços internos. Mesmo em períodos de maior

oferta de gado pronto para o abate, a demanda externa constante ajuda a manter o equilíbrio das cotações. O produtor que investe em genética e nutrição para atender ao padrão internacional encontra nestes mercados uma remuneração diferenciada.

Para o pecuarista, a simplificação burocrática significa uma fluidez maior na escala de abate dos frigoríficos. Quando o escoamento internacional ocorre sem interrupções documentais, as indústrias mantêm um ritmo de compra mais estável no campo. Esta estabilidade é fundamental para o planejamento financeiro das propriedades que operam em sistemas intensivos e semiconfinamentos.

O cumprimento dos protocolos exige que o gado seja oriundo de áreas monitoradas e livres de enfermidades conforme as regras da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA). O Brasil mantém o status de livre de febre aftosa com vacinação em grande parte do território, enquanto avança

para o reconhecimento de zonas livres sem vacinação. Esta credibilidade internacional facilita a aceitação dos certificados digitais.

O Ministério da Agricultura pretende expandir este modelo de certificação para outros países da região nos próximos meses. A meta é criar um padrão de exportação desburocratizado que atenda a todo o bloco da Asean (Associação de Nações do Sudeste Asiático). O governo brasileiro acompanha semanalmente o volume de embarques para ajustar possíveis gargalos técnicos no sistema de emissão eletrônica.

Os frigoríficos habilitados já iniciaram o carregamento dos primeiros lotes sob as novas regras de rastreabilidade. A expectativa das associações de classe é de que o volume exportado para Tailândia e Vietnã apresente crescimento de dois dígitos até o fechamento do primeiro semestre. Os portos asiáticos já operam com os novos sistemas de leitura de códigos criptografados para a recepção da carne brasileira.



Curta nossa página no Facebook e acompanhe na timeline da Agroyin a evolução do Jornal Agroyin Agronegócios

RETENÇÃO DE FÊMEAS SINALIZA VIRADA NO CICLO DE PREÇOS DO GADO EM 2026

A retenção de fêmeas nas principais praças do Centro-Oeste no início de fevereiro indica a reversão do ciclo pecuário e a valorização da reposição.

Foto: Wisley Torres / Agriin Comunicação



O mercado pecuário brasileiro apresenta sinais claros de transição em fevereiro de 2026. Após um período prolongado de preços deprimidos e descarte acentuado de matrizes, a curva de preços do gado de corte começa a desenhar uma trajetória de recuperação. O movimento é sustentado pela mudança na estratégia dos criadores, que agora optam por segurar as fêmeas nas propriedades, reduzindo a oferta imediata de gado para abate.

A dinâmica do ciclo pecuário é um processo natural de ajuste entre oferta e procura que ocorre ao longo de vários anos. Nos ciclos anteriores, o excesso de fêmeas enviadas para os frigoríficos resultou em uma superprodução de bezerros, o que derrubou os preços da reposição. Em 2026, o cenário inverte-se: a menor disponibilidade de matrizes para o gancho diminui a produção de novos animais, gerando escassez futura.

Dados da Scot Consultoria revelam que a participação de fêmeas no abate total caiu significativamente nas primeiras semanas do mês. Esse comportamento é o primeiro indicador de que o produtor recuperou a confiança na atividade de cria. A decisão de manter as vacas no plantel visa aproveitar a valorização esperada para os bezerros nos próximos meses, visando um lucro maior a médio prazo.

Em Mato Grosso do Sul, as feiras e leilões de gado de corte já registram lances mais agressivos para as categorias de reposição. A Acrissul observa que a procura por bezerros de ano e garrotes superou a oferta disponível em eventos recentes em Campo Grande e Dourados. O pecuarista de recria e engorda antecipa as compras para garantir o estoque antes que os preços atinjam novos patamares.

A valorização do bezerro impacta diretamente o planejamento financeiro das fazendas que operam no ciclo completo ou na engorda. Com o ágio da reposição mais elevado, a eficiência no ganho de peso torna-se o fator determinante para a margem de lucro. O uso de suplementação estratégica e o manejo intensivo de pastagens são ferramentas utilizadas para acelerar o giro do rebanho e otimizar o uso da área.

A indústria frigorífica acompanha o movimento com cautela. A menor oferta de vacas para abate pressiona as escalas de produção, obrigando as unidades processadoras a buscar animais em distâncias maiores. Este cenário favorece a sustentação dos preços da arroba do boi gordo, que encontra suporte na demanda externa aquecida e na redução da oferta interna de animais prontos.

A genética desempenha um papel importante nesta fase de reconstrução do rebanho.

O criador que retém matrizes busca touros e sêmen de linhagens que garantam precocidade e qualidade de carcaça. O investimento em tecnologias reprodutivas, como a IATF (Inseminação Artificial em Tempo Fixo), permite padronizar a produção de bezerros e aumentar a taxa de desmame, elevando a rentabilidade da cria.

ESTRATÉGIA E MERCADO

O custo da nutrição animal apresenta estabilidade, o que incentiva o pecuarista a manter o gado por mais tempo no pasto ou no cocho. Com o milho safrinha em desenvolvimento e preços de farelos previsíveis, a decisão de engordar o animal até o peso ideal torna-se mais segura. A gestão do fluxo de caixa deve considerar que o retorno financeiro da retenção de fêmeas ocorre em ciclos plurianuais.

Especialistas em mercado pecuário sugerem que o produtor utilize ferramentas de

proteção de preços, como o mercado futuro e opções na B3. Travar o preço de venda para o segundo semestre de 2026 assegura a margem contra possíveis oscilações inesperadas na economia global. A segurança jurídica e a manutenção de protocolos sanitários rigorosos garantem a continuidade dos embarques para mercados premium.

A sustentabilidade na pecuária também ganha relevância no atual ciclo. Propriedades que adotam sistemas de pastagens degradadas recuperadas conseguem manter uma carga animal maior por hectare. A eficiência produtiva aliada à conservação ambiental permite ao produtor acessar linhas de crédito específicas, reduzindo o custo do capital necessário para a expansão do rebanho de matrizes.

As associações de criadores em Mato Grosso do Sul promovem encontros técnicos para discutir os impactos da reversão do ciclo. O intercâmbio de informações sobre preços de insumos e tendências de consumo ajuda o pecuarista a ajustar a sua estratégia de venda. O foco atual é a preservação da capacidade produtiva das fazendas para atender à demanda crescente por carne bovina de alta qualidade.

O monitoramento das exportações brasileiras indica que o volume de carne embarcada permanece recorde. A combinação de menor oferta interna com demanda externa firme cria o cenário ideal para a valorização real do setor pecuário. O fechamento do mês de fevereiro confirmará se a tendência de retenção se consolidará como o marco definitivo da virada de preços para o ano de 2026.

MERCADO DO BOI MANTÉM FIRMEZA EM FEVEREIRO

O mercado do boi gordo começou fevereiro mantendo a trajetória de firmeza observada nas últimas semanas, sustentado por fundamentos que seguem dando suporte às cotações mesmo em um ambiente de câmbio mais valorizado. Segundo análise da StoneX, a combinação entre oferta ajustada, dificuldade de origem e escalas de abate curtas manteve os preços em alta nas principais praças pecuárias do país.

A disponibilidade restrita de animais prontos para abate continua sendo um dos principais vetores de sustentação do mercado físico. Com menor volume ofertado,

frigoríficos enfrentam maior competição na compra de lotes, o que contribui para a manutenção das cotações em patamares elevados neste início de mês.

No mercado de reposição, o movimento também é de valorização. A relação de troca permanece apertada para o produtor, refletindo preços firmes tanto para o boi gordo quanto para as categorias mais jovens. Ainda assim, as expectativas positivas em relação à demanda ajudam a dar suporte às negociações.

As exportações seguem como um dos pilares centrais desse cenário. O recorde histórico embarcado em janeiro reforça o

bom momento das vendas externas, impulsionadas pela demanda chinesa resiliente. Esse ambiente favorável no comércio internacional contribui para equilibrar o impacto de um real mais valorizado frente ao dólar.

Na B3, o cenário também foi de avanço. Os contratos futuros registraram alta, precisando uma oferta mais restrita nos próximos meses. Mesmo com o câmbio menos favorável às exportações, o conjunto de fundamentos, marcado por disponibilidade limitada de animais e ritmo consistente de embarques, sustenta a percepção de mercado firme no curto prazo.

BIOMETANO REDUZ CUSTO LOGÍSTICO E GERA RECEITA COM CRÉDITOS DE CARBONO

Usinas de cana em MS e GO convertem 30% do biogás em biometano para abastecer frotas, reduzindo custos logísticos e gerando créditos de descarbonização.

Usinas localizadas em Mato Grosso do Sul e Goiás lideram a implementação de plantas de biometano integradas às unidades de processamento de cana-de-açúcar. O movimento faz parte de uma estratégia de transição energética que busca aproveitar resíduos industriais, como a vinhaça e a torta de filtro. A meta destas unidades é converter ao menos 30% do biogás gerado em biometano para uso imediato em frotas próprias e regionais.

A substituição do diesel pelo biometano em caminhões e máquinas agrícolas impacta diretamente na estrutura de custos das usinas e produtores parceiros. O biocombustível apresenta rendimento energético equivalente ao combustível fóssil, com a vantagem de ser produzido localmente. Esta autonomia diminui a vulnerabilidade do setor às oscilações de preços internacionais do petróleo e reduz gastos com fretes internos.

O processo de purificação do biogás retira impurezas e concentra o metano em níveis superiores a 95%, atendendo às normas da Agência Nacional do Petróleo (ANP). Com esta pureza, o biometano pode ser utilizado em motores adaptados ou desenvolvidos especificamente para gás natural. A tecnologia permite que veículos pesados operem com menor emissão de partículas e ruído, melhorando o perfil ambiental da operação logística.

A geração de créditos de descarbonização (CBIOS) no âmbito do programa RenovaBio surge como uma fonte de receita adicional para as usinas. O biometano possui uma das menores pegadas de carbono entre os combustíveis disponíveis no mercado brasileiro. Ao registrar a produção deste energético, as unidades produtoras aumentam a sua pontuação de eficiência ambiental, comercializando os títulos no mercado financeiro.

O potencial de expansão do biometano no interior do Brasil também contempla a



integração com a pecuária intensiva. Grandes confinamentos localizados próximos às usinas podem fornecer dejetos animais como matéria-prima complementar para os biodigestores. Esta sinergia resolve o passivo ambiental da criação de gado e transforma o que era resíduo em um ativo energético de alto valor comercial.

A infraestrutura para distribuição do biometano avança com a instalação de postos de abastecimento internos e parcerias

com distribuidoras regionais. A interiorização do gás natural veicular, através do biometano, cria um novo corredor logístico sustentável no coração da produção agrícola. Caminhões que transportam grãos até os terminais ferroviários já iniciam testes com o combustível renovável.

A Adecoagro, unidade referência em Mato Grosso do Sul, investe na ampliação de sua capacidade de biodigestão para atender metas de sustentabilidade corporativa. O projeto do governo estadual para tornar MS um estado Carbono Neutro até 2030 impulsiona estes investimentos privados. Incentivos fiscais e linhas de financiamento específicas colaboram para a viabilidade econômica da instalação de novas plantas de purificação.

Especialistas do setor energético apontam que o Brasil possui a maior capacidade de produção de biometano do mundo a partir de resíduos do agro. A tecnologia de compressão do gás facilita o transporte por pequenos trechos, permitindo que frotas de municípios vizinhos também aproveitem o excedente. Esta rede local de energia fortalece a economia regional e diminui o impacto ambiental do transporte rodoviário.

O monitoramento da eficiência dos motores a gás é realizado constantemente pelas equipes de engenharia mecânica das usinas. Os resultados mostram uma redução significativa na manutenção dos sistemas de escape e menor desgaste de componentes internos comparado ao uso de diesel de baixa qualidade. A durabilidade da frota é um fator que contribui para o retorno sobre o investimento em tecnologias limpas.

As associações do setor sucroenergético discutem com o governo federal a inclusão de novas metas de mistura para o biometano nos próximos anos. A consolidação deste mercado depende da continuidade de políticas públicas que incentivem a inovação no campo da bioenergia. O Brasil mantém a sua posição de destaque global ao integrar produção de alimentos com geração de energia renovável e descentralizada.

A Agência Nacional do Petróleo mantém a fiscalização sobre a qualidade do biometano produzido nas unidades rurais para garantir a padronização técnica. Relatórios mensais de produção são enviados para os órgãos reguladores, detalhando o volume injetado no mercado e a origem da biomassa utilizada. O setor agora planeja a exportação de tecnologia de biodigestão para outros países com forte base agrícola.



EMBARQUES DE CARNE SUÍNA BATEM RECORDE APÓS NOVOS ACORDOS COM A RÚSSIA

A habilitação de novas plantas industriais para exportar carne suína à Rússia elevou os volumes embarcados pelo Brasil a patamares históricos em 2026.

A suinocultura brasileira registra um marco histórico em fevereiro de 2026 com a ampliação da presença no mercado da Federação Russa. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) confirmou que o volume de embarques atingiu patamares recorde após o serviço sanitário russo, Rosselkhoz nadzor, autorizar novas unidades processadoras no Brasil. Esta movimentação estratégica ocorre em um momento de reorganização do fluxo global de proteínas e beneficia diretamente as indústrias das regiões Sul e Centro-Oeste.

A entrada de novos frigoríficos na lista de exportadores autorizados reduz a concentração de embarques em poucos destinos internacionais. Historicamente dependente do mercado asiático, especialmente da China, a suinocultura nacional ganha fôlego com a diversificação de compradores na região euroasiática. A Rússia apresenta uma demanda crescente por cortes específicos utilizados tanto na indústria de processados quanto no varejo direto, o que permite um melhor aproveitamento da carcaça.

Os novos protocolos estabelecidos exi-

gem rigor técnico na rastreabilidade e no controle sanitário das granjas e indústrias. O cumprimento das exigências russas demonstra a maturidade do sistema de defesa agropecuária brasileiro. As unidades habilitadas passaram por auditorias remotas e presenciais, comprovando a ausência de resíduos químicos e o cumprimento das normas de bem-estar animal exigidas pela União Econômica Euroasiática.

A diversificação de mercados atua como um mecanismo de proteção contra as oscilações de preços no mercado interno. Quando a oferta doméstica encontra canais de escoamento eficientes no exterior, a pressão sobre as cotações locais diminui, garantindo a rentabilidade do suinocultor. Analistas de mercado observam que a abertura russa sustenta os preços pagos ao produtor, mesmo diante do aumento nos custos de nutrição animal registrados recentemente.

O escoamento da produção para o Leste Europeu exige uma logística eficiente nos portos de Santa Catarina e do Paraná. As tradings intensificam a contratação de contêineres refrigerados para atender ao cronograma de entregas contratado para o



primeiro semestre de 2026. A agilidade no transbordo e o cumprimento rigoroso dos prazos de entrega são elementos que mantêm a credibilidade do produto brasileiro perante os importadores russos.

MERCADO EXTERNO E EQUILÍBRIO SETORIAL - A competitividade da carne suína brasileira no exterior fundamenta-se na sanidade e na eficiência produtiva das granjas. O status de país livre de Peste Suína Africana (PSA) coloca o Brasil em vantagem competitiva em relação aos concorrentes europeus, que enfrentam

surtos frequentes da doença. Esta segurança sanitária é o principal argumento técnico utilizado pelo Ministério da Agricultura para abrir e manter mercados exigentes.

O volume histórico de exportações reflete o investimento contínuo em genética e ambiência nas propriedades rurais. Suínos criados em sistemas modernos apresentam melhor conversão alimentar e qualidade de carne superior, atendendo aos padrões internacionais de marmoreio e cor. O produtor integrado acompanha as exigências das agroindústrias, ajustando o manejo nutricional conforme as demandas específicas de cada contrato de exportação.

A ABPA estima que as vendas para a Rússia continuem em ritmo acelerado nos próximos meses. A meta do setor é consolidar a participação brasileira no suprimento de proteína animal para o bloco euroasiático, aproveitando as janelas de oportunidade criadas por questões geopolíticas e comerciais. O monitoramento das exportações é realizado semanalmente para identificar possíveis gargalos na emissão de certificados fitossanitários eletrônicos.

As indústrias habilitadas planejam turnos extras de processamento para suprir a demanda adicional. Este aumento na atividade industrial gera empregos e movimentação na economia nos municípios com forte base agroindustrial. O setor suínico demonstra resiliência ao transformar desafios logísticos em oportunidades de crescimento, mantendo o foco na qualidade e na segurança do alimento produzido em território nacional.

A sustentabilidade financeira das granjas depende da manutenção destes fluxos internacionais de comércio. Com a soja e o milho apresentando cotações estáveis, o cenário para o suinocultor em 2026 mostra-se favorável para novos investimentos em tecnologia de climatização e automação. O agronegócio brasileiro comprova a sua capacidade de adaptação às exigências globais, assegurando a posição de fornecedor confiável de alimentos para o mundo.

O Ministério da Agricultura mantém o diálogo técnico com as autoridades russas para expandir a lista de produtos autorizados, incluindo miúdos e subprodutos de maior valor agregado. A estratégia diplomática busca remover barreiras não tarifárias remanescentes e consolidar um canal de comércio permanente e desburocratizado. A balança comercial brasileira encontra na proteína animal um suporte fundamental para os resultados positivos de 2026.



SE INSCREVA
EM NOSSO
CANAL NO
YOUTUBE
CLIQUE AQUI!!!

PLANO SAFRA 26/27 PROJETA AUMENTO DE 20% PARA AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

O BNDES e o Ministério da Agricultura iniciaram consultas para elevar em 20% os recursos do Programa ABC+ no Plano Safra 26/27, focando em sistemas ILPF.

O governo federal, através do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), iniciou as rodadas de negociação para a estruturação do Plano Safra 2026/2027. O foco central das discussões é o fortalecimento das linhas de crédito voltadas para a agricultura de baixo carbono. A proposta em análise prevê um incremento de 20% no orçamento do Programa ABC+ em comparação ao ciclo anterior.

Esta iniciativa busca incentivar a adoção de tecnologias que reduzem a emissão de gases de efeito estufa no campo brasileiro. O programa prioriza o financiamento para a recuperação de pastagens degradadas e para a expansão de sistemas de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF). A estratégia utiliza taxas de juros diferenciadas como o principal indutor de modernização tecnológica nas propriedades rurais de médio e grande porte.

Produtores que comprovarem a implementação de práticas de sequestro de carbono terão acesso a condições de financiamento mais vantajosas. O Mapa estuda mecanismos de certificação que facilitem a comprovação desses ganhos ambientais.



A vinculação do desempenho sustentável à saúde financeira do negócio permite que o agricultor modernize a sua operação com

encargos financeiros reduzidos, aumentando a competitividade.

A modernização das pastagens é uma

necessidade para o Centro-Oeste, com destaque para Mato Grosso do Sul. O estado mantém a meta de atingir o status de Carbono Neutro até 2030, e o acesso a crédito direcionado acelera a conversão de áreas subutilizadas. A recuperação do solo melhora a capacidade de suporte das fazendas, permitindo elevar a lotação de animais sem a necessidade de abertura de novas áreas de vegetação.

O financiamento para sistemas ILPF também contempla o plantio de florestas comerciais e a manutenção de áreas de reserva legal. Este modelo de produção diversifica a renda da propriedade, somando a venda de madeira aos resultados da pecuária e da agricultura. O BNDES sinaliza que a agilidade na liberação desses recursos é um ponto prioritário para atender ao calendário de plantio das culturas de inverno e da próxima safra de verão.

Os recursos destinados ao Programa ABC+ também devem contemplar investimentos em infraestrutura para bioenergia. Fazendas que instalam biodigestores para o tratamento de resíduos animais e geração de energia própria encontram nessas linhas de crédito o suporte necessário. A redução de custos operacionais com energia elétrica e combustível é um dos benefícios imediatos da adoção dessas tecnologias financiadas pelo governo.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) acompanha as consultas e defende a simplificação das normas para o acesso ao crédito verde. A entidade argumenta que a desburocratização é fundamental para que o pequeno e o médio produtor também consigam aderir aos programas de sustentabilidade. O diálogo entre as instituições financeiras e o setor produtivo busca ajustar as garantias exigidas para as operações de longo prazo.

GESTÃO FINANCEIRA E SUSTENTABILIDADE

A integração entre sustentabilidade e finanças exige que o produtor mantenha registros precisos da sua gestão de campo. A utilização de ferramentas de monitoramento por satélite e relatórios técnicos assinados por engenheiros agrônomos são requisitos comuns para o acesso às taxas de juros reduzidas. Esta exigência promove a profissionalização da gestão e a transparência dos dados produtivos brasileiros no cenário internacional.

O mercado internacional observa com atenção as políticas de crédito agrícola do Brasil. A consolidação de um Plano Safra que premia a preservação ambiental funciona como um selo de qualidade para as exportações brasileiras. Países compradores, especialmente na Europa e Ásia, exigem cada vez mais provas de que as commodities foram produzidas sob critérios de responsabilidade ambiental e baixa emissão de carbono.

O Ministério da Fazenda participa das discussões para garantir o suporte orçamentário necessário à equalização das taxas de juros. O equilíbrio entre a necessidade de controle fiscal e o incentivo ao setor que lidera o PIB nacional é o desafio das próximas semanas. A expectativa é que o anúncio oficial do volume total de recursos e das novas regras ocorra antes do final do semestre, permitindo o planejamento antecipado das propriedades.

As vistorias técnicas do Mapa continuam nas principais regiões agrícolas para identificar as tecnologias com maior potencial de sequestro de carbono em diferentes biomas. O resultado destas análises servirá de base para a definição dos novos tetos de financiamento por CPF ou CNPJ. O foco permanece na transformação de áreas degradadas em sistemas produtivos de alta eficiência e baixo impacto ambiental.

DELAS DAY REÚNE HORTÊNCIA E ANTONELLI COM FOCO NA MULHER DO CAMPO

Senar/MS leva palestras e produtos da agroindústria ao Delas Day, dias 24 e 25 de fevereiro em Campo Grande, para fortalecer o protagonismo feminino.

Nos dias 24 e 25 de fevereiro, no Bosque Expo, será promovido o Delas Day, um evento que fomenta diálogos essenciais sobre liderança, empreendedorismo, ciência e tecnologia, voltado às mulheres. Com entrada gratuita, a iniciativa traz o tema “Nossa identidade, nossa força”, que convida o público a refletir sobre as múltiplas trajetórias e vivências femininas, além de reforçar a participação ativa das mulheres em diferentes espaços da sociedade.

A programação reúne palestras com nomes nacionais, como Hortência Marcari e Giovanna Antonelli, além de painéis e espaços de conexão, pensados para inspirar, provocar reflexões e impulsionar o

desenvolvimento pessoal e profissional das participantes. O Senar Mato Grosso do Sul contará com stand institucional durante todo o evento, exposição de produtos da Agroindústria, além de dinâmicas e palestras voltadas à vivência da mulher do campo.

Para o presidente do Sistema Famasul, Marcelo Bertoni, a presença no Delas Day reforça o compromisso do Senar/MS com o fortalecimento da mulher no agro. “Por meio de iniciativas como o Mulheres em Campo e o Donas do Agro, investimos na formação, na gestão e no desenvolvimento pessoal das produtoras rurais. Estar no Delas Day é ampliar essas oportunidades, dar visibilidade às histórias do campo e incentivar cada vez mais o protagonismo feminino no setor”, afirma.

Foto: Divulgação



PROGRAMAÇÃO DO SENAR/MS

No stand institucional do Senar/MS, que estará personalizado num cenário agro, o

público vai poder interagir com dinâmicas que trazem conhecimento sobre a agricultura, além de exposição de produtos artesanais certificados com o apoio da Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) Agroindústria. Seis produtoras participam do evento levando ao público a oportunidade de conhecer e adquirir alimentos feitos com ingredientes do campo, como geleias, biscoitos, queijos, mel, chopp artesanal, doces em compota, pipoca gourmet, reforçando o incentivo ao empreendedorismo e à formalização de negócios, promovidos pela instituição.

PALESTRAS

24/02 - 17h - Dra. Rose Maria fala sobre “Autoestima e saúde mental das mulheres empreendedoras”, com foco em equilíbrio emocional e desenvolvimento pessoal.

25/02 - 17h - As médicas veterinárias, Paula Martins, e Natalia Leite trazem uma reflexão sobre identidade, sobrecarga e fortalecimento da mulher em seus múltiplos papéis com a palestra “Além da Mulher Maravilha: O Resgate da Identidade Feminina”.

CONGRESSO BRASILEIRO
**DE DIREITO DO
AGRONEGÓCIO**
6ª EDIÇÃO

IBDA®

**30 MARÇO
2026**

HOTEL
RENAISSANCE
SÃO PAULO

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES

www.congressodireitoagro.com.br

BRASIL PODE REDUZIR EMISSÕES EM C

Pesquisadores da Esalq e Embrapa quantificaram um déficit de 1,4 bilhão de toneladas de carbono no solo brasileiro devido à conversão agropecuária.

O Brasil registrou uma perda acumulada de 1,4 bilhão de toneladas de carbono na camada superficial do solo, entre zero e 30 centímetros de profundidade. Esse déficit é o resultado direto da conversão de vegetação nativa em áreas de lavoura e pastagem nos seis biomas nacionais. A descoberta faz parte de um trabalho inédito publicado na prestigiosa revista científica Nature Communications.

Cientistas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), do Centro de Estudos de Carbono em Agricultura Tropical (CCarbon/USP), da Universidade Estadual de Ponta Grossa e da

Embrapa conduziram a análise. O estudo baseou-se em uma vasta base de dados com 4.290 amostras de solo em todo o território nacional. Os números revelam que essa perda total equivale à emissão de 5,2 bilhões de toneladas de CO₂ equivalente.

O mapeamento é o primeiro a calcular o estoque de carbono no Brasil antes de qualquer intervenção humana. Com isso, os especialistas conseguiram mensurar exatamente o tamanho do impacto causado pela atividade antrópica nas últimas décadas. Além de apontar o tamanho do problema, o documento serve como um guia estratégico para políticas de recuperação ambiental e fomento ao mercado de carbono.

O FATOR CLIMÁTICO NA RETENÇÃO DE MATÉRIA ORGÂNICA

A análise dos pesquisadores destaca que o clima exerce uma influência determinante no balanço de perdas e armazenamento de matéria orgânica. Regiões mais frias e úmidas demonstraram ter estoques naturalmente maiores. Por essa razão, os biomas Pampa e Mata Atlântica possuem densidades de carbono superiores quando

comparados aos biomas de clima tropical, como o Cerrado e a Amazônia.

Entretanto, essa característica também torna esses locais mais vulneráveis. As mudanças no uso da terra provocaram perdas proporcionalmente maiores justamente onde o estoque inicial era mais elevado. Esse entendimento permite que o setor



produtivo e o governo direcionem soluções adaptadas para cada realidade climática, otimizando o aporte de carbono de acordo com o bioma.

A sistematização das informações utilizou critérios geográficos, tipos de solo e métodos de manejo. O objetivo foi criar um

panorama que faça sentido para o mercado de créditos de carbono e para os compromissos brasileiros sobre mudanças climáticas. O banco de dados foi publicado em formato aberto para que outras instituições de pesquisa possam utilizá-lo em estudos futuros sobre a saúde do solo.

FAZENDA COLORADO

MAIOR PRODUTORA DE LEITE DO BRASIL; 100.000 LITROS/DIA

VÍDEO YOUTUBE:
Confira como foi nossa visita a FAZENDA COLORADO e conheça seu sistema de produção em VÍDEO!!!

67% COM RECARBONIZAÇÃO DO SOLO

O POTENCIAL ESTRATÉGICO DE RECARBONIZAÇÃO



SUSTENTABILIDADE COMO FERRAMENTA DE REVERSÃO

Um dos pontos mais relevantes para o produtor rural é a comparação entre os diferentes sistemas produtivos. Os dados comprovam que a diversificação das culturas e a intensificação tecnológica reduzem drasticamente as perdas de matéria orgânica. Enquanto a conversão de vegetação nativa em monoculturas convencionais gera uma perda média de 22%, sistemas integrados apresentam resultados muito superiores.

A integração lavoura-pecuária (ILP) e outros sistemas diversificados registraram uma perda de apenas 8,6%. Outro destaque da pesquisa é o papel fundamental do Sistema Plantio Direto (SPD). A técnica de semeadura direta sobre a palhada mostrou-se 47% mais eficiente na preservação do carbono em comparação ao plantio convencional. No SPD, a redução de carbono foi de 11,4%, contra 21,4% no sistema que utiliza aração e gradagem.

O estudo não se limita a quantificar o passivo; ele aponta onde estão as maiores oportunidades de ganho. Os pesquisadores estimam que 72% de todo o potencial de recarbonização do solo brasileiro está concentrado nos biomas Cerrado e Mata Atlântica. O Cerrado sozinho tem capacidade para recuperar 0,53 bilhão de toneladas de carbono através de práticas agrícolas sustentáveis.

Esse potencial coloca o Brasil em uma posição privilegiada para atingir as metas do Acordo de Paris. Segundo a projeção dos cientistas, se o país conseguir recarbonizar apenas um terço do potencial estimado, será possível alcançar a meta de redução de emissões brasileiras (entre 59% e 67%) até o ano de 2035. É um caminho viável que une produtividade agrícola com responsabilidade climática.

No âmbito financeiro, o déficit de 1,4 bilhão de toneladas representa o tamanho do mercado que o país pode explorar. Saber o valor desse estoque é um chamariz fundamental para atrair investimentos externos na economia da descarbonização. O respaldo internacional de uma publicação na Nature Communications confere



credibilidade à diplomacia brasileira nas negociações globais sobre o clima.

O Centro de Estudos de Carbono em Agricultura Tropical (CCarbon) já aprovou um novo projeto para ampliar a coleta de dados de forma padronizada em todo o território nacional.

QUEIJO ARTESANAL

SAIBA COMO FUNCIONA UMA QUEIJARIA ARTESANAL

VÍDEO YOUTUBE:

Ela era gerente de pós venda em duas concessionárias, simultaneamente em Campo Grande no MS, e mudou radicalmente de profissão para reviver diariamente a infância dos finais de semana passados com a sua avó Zilda, na fabricação de queijos no sítio da família.

CBDA DEBATE SEGURANÇA JURÍDICA NA REFORMA DO ESTATUTO DA TERRA E NA APLICAÇÃO DO MARCO TEMPORAL

Painel discutirá a necessária atualização do Estatuto e a estabilidade jurídica do Marco Temporal

A contradição de orientações entre o Superior Tribunal Federal (STF) e o Congresso Nacional sobre as demarcações de terras indígenas gera grande insegurança jurídica à produção agropecuária no Brasil. O debate em busca das melhores estratégias é fundamental para alcançar o equilíbrio entre a necessidade de reforma agrária, a demarcação das terras e as exigências do setor produtivo.

“A segurança jurídica e a estabilidade na aplicação de normas são aspectos muito importantes para os produtores. Para isso, realizar audiências públicas, oitivas na Corte e uma análise mais profunda dos impactos econômicos das decisões judiciais são alguns caminhos para alcançar maior segurança”, afirma Elias Marques de Medeiros Neto, sócio de Resolução de Disputas e coordenador da área de Agronegócio do TozziniFreire Advogados. Marques participa do painel 1 do Congresso Brasileiro de Direito do Agronegócio, que será realizado pelo Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio (IBDA) no dia 30 de março de 2026 no Hotel Renaissance, em São Paulo.

Com o tema “Reforma do Estatuto da Terra e Aplicação do Marco Temporal”, o painel deve discutir a possibilidade de um diálogo mais coerente e profundo entre os poderes da República. O objetivo é construir normas e aplicar precedentes que realmente proporcionem estabilidade e segurança jurídica, considerando o contexto atual e sistemático dos sistemas agroindustriais.

Moderado por Jerônimo Goergen, presidente da Associação das Empresas Cerealistas do Brasil (ACEBRA) e da Associação dos Produtores de Biocombustíveis do Brasil (APROBIO), o painel terá também como debatedores: Antonio Cabrera, produtor



Foto: Divulgação

Congresso debate reforma do Estatuto da Terra e Marco Temporal em SP

rural e ex-Ministro da Agricultura (1990 a 1992), Diego Viegas Veras, Juiz Auxiliar no Supremo Tribunal Federal (STF), Luís Inácio Lucena Adams, Advogado-geral da União (2009 a 2016), além do advogado do escritório TozziniFreire.

“A discussão sobre a modernização do Estatuto da Terra é absolutamente necessária para adequar a legislação agrária à realidade do Brasil de hoje, fortalecendo a livre iniciativa e o desenvolvimento sustentável no meio rural”, diz Goergen.

Para ele, o painel representa uma oportunidade qualificada de diálogo técnico e institucional, reunindo diferentes visões para contribuir com soluções equilibradas, responsáveis e alinhadas ao futuro do país e do setor agro. “A proposição de minha autoria — o Projeto de Lei nº 6.092-A/2019, que atualiza dispositivos do Estatuto da Terra para conferir maior autonomia aos contratos agrários e refletir as transformações do setor produtivo — reforça a importância de avançar em normas que favoreçam a produção e a função social da terra”, afirma Jerônimo Goergen.

Palestra com ministro do STF

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux, fará a palestra inaugural

“Ordem Econômica e Segurança Jurídica” no Congresso Brasileiro de Direito do Agronegócio. Em outros três painéis, o Congresso abordará também temas como seguro e financiamento rural regulamentação e transição da Reforma Tributária e incentivos à segurança climática.

Renato Buranello, presidente do IBDA, destaca que o agronegócio brasileiro enfrenta uma complexidade crescente, impulsionado tanto pela volatilidade climática quanto pela necessidade de adaptação às recentes reformas estruturais. Segundo ele, aprimorar a gestão de riscos e dar maior governança à atividade tornaram-se indispensáveis, especialmente diante das novas normas fiscais e tributárias incorporadas à legislação, que exigem das empresas do setor maior precisão e conformidade.

“Somente com uma gestão alinhada ao novo ambiente regulatório permitirá garantir segurança jurídica, preservar a competitividade e dar sustentabilidade ao desenvolvimento econômico-social do agronegócio”, destaca.

O evento será realizado das 9h às 18h no Hotel Renaissance São Paulo. As inscrições para participações presenciais ou on-line poderão ser feitas pelo site oficial: <https://congressodireitoagro.com.br/>.

O congresso terá transmissão on-line gratuita. A data limite para inscrições é 29 de março ou enquanto houver vagas.

SOBRE O IBDA - O Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio (IBDA) tem por objetivo o estudo do Direito e Economia dos Sistemas Agroindustriais (SAGs), formando um observatório para a formulação de políticas públicas e melhor interpretação do conjunto de normas que regulam o setor. O Instituto promove a difusão de conhecimento específico sobre regime jurídico do setor, bem como estudos técnicos que venham a contribuir para seu melhor desenvolvimento.

Serviço:

CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO DO AGRONEGÓCIO

Data: 30 de março de 2026

Horário: das 9h às 18h

Local: Hotel Renaissance São Paulo - Alameda Santos, 2233 - Jardim Paulista, São Paulo

Realização: Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio (IBDA)

REGULAMENTAÇÃO ATUALIZADA AMPLIA USO DE DRONES PESADOS EM LAVOURAS

A Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) estabeleceu novas regras para o uso de drones pesados, permitindo a operação de até três unidades por piloto.

A modernização da frota aérea agrícola brasileira recebeu um novo suporte regulatório com a atualização das normas da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) para drones de pulverização. A principal mudança permite a operação de enxames, onde um único operador capacitado pode controlar até três aeronaves simultaneamente. Esta medida visa ampliar a capacidade operacional das propriedades que buscam agilidade na aplicação de defensivos e fertilizantes foliares.

O novo regramento foca na segurança das operações em áreas extensas, acima de

50 hectares. A Anac estabeleceu critérios rigorosos para o registro das aeronaves pesadas, que agora possuem uma classificação específica conforme o peso máximo de decolagem. Para o produtor, a mudança significa a possibilidade de cobrir áreas maiores em janelas climáticas mais curtas, reduzindo o tempo total de exposição das culturas a pragas e doenças.

A tecnologia de enxames otimiza a logística de campo ao permitir que múltiplas frentes de aplicação trabalhem de forma coordenada. Os drones utilizam sistemas de posicionamento global (GPS) de alta precisão para evitar sobreposições ou falhas na

Foto: Wisley Torales / Agroin Comunicação



cobertura. A precisão da gota e a redução da deriva são benefícios técnicos que garantem a eficácia do produto aplicado, minimizando o impacto ambiental em áreas vizinhas.

O uso de drones apresenta-se como uma alternativa economicamente viável para pequenas e médias propriedades que não comportam o custo da aviação agrícola tradicional. No entanto, com as novas regras, grandes grupos empresariais também passam a enxergar nos enxames de drones uma ferramenta complementar para áreas de difícil acesso ou relevo acidentado. A versatilidade do equipamento permite a aplicação em locais onde o trator ou o avião teriam dificuldades operacionais.

A formação técnica dos operadores torna-se um requisito indispensável sob a nova regulamentação. A Anac e o Ministério da

Agricultura exigem que os pilotos possuam certificação específica para a aplicação aérea de defensivos. Este treinamento garante que o profissional compreenda os fatores meteorológicos, como velocidade do vento e umidade relativa, que influenciam diretamente o sucesso da pulverização por drones pesados.

A manutenção preventiva dos equipamentos é outro pilar reforçado pelas novas normas. Os proprietários devem manter registros detalhados das horas de voo e das inspeções técnicas de cada unidade do enxame. A transparência desses dados é fundamental para a segurança do espaço aéreo e para a rastreabilidade das operações agrícolas. O setor de agrotecnologia no Brasil já se adapta para fornecer sistemas de gestão de frotas integrados.

PRECISÃO E SUSTENTABILIDADE NO MANEJO

A precisão na aplicação de insumos contribui diretamente para a redução de custos e para a sustentabilidade da lavoura. Ao aplicar o defensivo apenas onde é necessário, através de mapas de prescrição, o produtor economiza recursos e protege o ecossistema. O drone consegue realizar aplicações localizadas com uma taxa variável de vazão, ajustando-se à necessidade específica de cada talhão da fazenda.

O monitoramento remoto permite que o produtor acompanhe o progresso da aplicação através de dispositivos móveis. Os dados gerados pelos sensores das aeronaves são integrados aos softwares de gestão da propriedade, criando um histórico preciso das intervenções realizadas ao longo do ciclo. Esta integração digital é o alicerce da agricultura 4.0, onde a informação técnica precede a tomada de decisão no campo.

A indústria brasileira de drones

acompanha a evolução normativa desenvolvendo modelos com maior autonomia de voo e tanques de maior capacidade. A expectativa é que o mercado de serviços de pulverização aérea cresça significativamente até o final da safra 2026. Empresas especializadas já oferecem modalidades de aluguel de enxames, permitindo que o agricultor acesse a tecnologia sem a necessidade de imobilizar capital na compra dos equipamentos.

A segurança jurídica proporcionada pelas novas regras da Anac atrai investimentos estrangeiros para o setor de pulverização remota no Brasil. O país consolida-se como um laboratório global de boas práticas no uso de drones para a produção de alimentos em escala industrial. O acompanhamento das operações continuará sendo realizado pelas autoridades aeronáuticas para garantir o cumprimento estrito das zonas de exclusão e limites de altitude.

GESTÃO PROFISSIONAL NO CAMPO EVITA A VENDA DE PROPRIEDADES FAMILIARES

Cerca de 40% das propriedades rurais brasileiras passarão por processos de sucessão familiar nos próximos cinco anos, exigindo gestão profissionalizada.

Foto: Divulgação



O cenário do agronegócio brasileiro enfrenta um dos seus maiores desafios estruturais na presente década. Dados extraídos do último Censo Agropecuário indicam que uma fatia expressiva dos gestores rurais possui idade superior a 60 anos. Este levantamento aponta que quatro em cada dez propriedades rurais devem mudar de comando até o ano de 2031, colocando a sucessão familiar no centro das discussões estratégicas das associações e cooperativas.

A transição de liderança nas fazendas deixou de ser uma questão puramente hereditária para se tornar um processo de gestão empresarial. O modelo de administração baseado no patriarcado centralizador perde espaço para estruturas corporativas modernas. A sobrevivência da atividade agrícola a longo prazo depende da capacidade das famílias em transformar a "fazenda do pai" na "empresa da família", com regras claras de governança.

Especialistas em direito agrário e consultores de gestão observam que a falta de planejamento é a principal causa da fragmentação de patrimônios produtivos. Quando a sucessão ocorre de forma abrupta, motivada pelo falecimento do gestor principal, os herdeiros enfrentam processos de inventário lentos e onerosos. Esta desorganização jurídica frequentemente resulta na venda de ativos ou na paralisação de investimentos necessários para a safra.

A utilização de holdings rurais consolidou-se como uma ferramenta eficaz para organizar a transição patrimonial. Através desta estrutura jurídica, a propriedade das terras e dos ativos produtivos é transferida para uma empresa, onde os herdeiros tornam-se cotistas. Este modelo facilita a

gestão tributária e protege o patrimônio contra litígios familiares, permitindo que a operação agrícola continue sem interrupções durante a mudança de gerações.

A governança familiar estabelece protocolos de conduta e critérios para a ocupação de cargos de diretoria. Definir quem possui competência técnica para gerir a produção e quem atuará apenas como acionista é um passo indispensável. A profissionalização exige que membros da família apresentem resultados mensuráveis, tratando o negócio rural com o mesmo rigor aplicado em grandes corporações urbanas.

TECNOLOGIA COMO FATOR DE RETENÇÃO - A ascensão do Agro 4.0

desempenha um papel determinante na retenção dos jovens no campo. A integração de softwares de gestão, sensores de monitoramento e inteligência de dados torna a atividade agrícola mais atrativa para as novas gerações. O sucessor contemporâneo possui formação acadêmica especializada e busca aplicar tecnologias que aumentem a eficiência operacional e a sustentabilidade ambiental da propriedade.

A conectividade no meio rural permite que o novo gestor controle a operação de qualquer lugar, integrando dados de mercado em tempo real às decisões de plantio. Esta modernização altera a rotina da fazenda, substituindo o trabalho puramente braçal

por análises técnicas de alta complexidade. A presença da tecnologia funciona como um catalisador para que o jovem visualize no agronegócio uma carreira promissora e inovadora.

O diálogo entre gerações é a base para uma sucessão bem-sucedida. O respeito pela experiência dos fundadores deve equilibrar-se com a abertura para as novas visões de mercado trazidas pelos sucessores. Consultorias recomendam que o processo de transição dure entre cinco a dez anos, permitindo que o sucessor aprenda as nuances da operação enquanto o fundador delega gradualmente as responsabilidades decisórias.

SEGURANÇA JURÍDICA E GOVERNANÇA

A proteção jurídica do negócio envolve também o planejamento tributário antecipado. A sucessão planejada reduz a carga de impostos sobre a transferência de bens, preservando a liquidez financeira da empresa rural. Ferramentas como o usufruto de cotas garantem a segurança financeira dos fundadores enquanto transferem a gestão ativa para os filhos ou gestores profissionais contratados pelo conselho de família.

Em Mato Grosso do Sul, o movimento de profissionalização é acentuado pela presença de grandes grupos agrícolas que já operam sob normas rígidas de governança. O exemplo destas empresas inspira médios produtores a adotarem relatórios de auditoria e balanços patrimoniais transparentes.

A transparência nos dados facilita o acesso a linhas de crédito mais baratas, uma vez que as instituições financeiras priorizam negócios com gestão sólida e previsível.

A formação de conselhos consultivos, com a participação de profissionais externos, auxilia na mediação de conflitos e traz uma visão imparcial para o negócio. Estes conselhos avaliam o desempenho da gestão e sugerem rotas de expansão baseadas em métricas de rentabilidade. A presença de um olhar externo ajuda a separar questões emocionais de decisões estritamente comerciais, protegendo a harmonia familiar e a saúde da empresa.

A sucessão familiar deve ser encarada como um projeto estratégico de longo prazo. O foco permanece na construção

de um legado que suporte as oscilações de mercado e as mudanças tecnológicas. O fortalecimento das estruturas de comando nas propriedades rurais é o que garantirá que o Brasil continue a expandir a sua produção de alimentos com eficiência e segurança jurídica para as próximas décadas.

O monitoramento do perfil dos novos gestores indica uma preocupação crescente com a certificação ambiental e a responsabilidade social. As fazendas que superam o desafio da sucessão tendem a ser mais produtivas e abertas à inovação. O futuro do agronegócio brasileiro passa obrigatoriamente pela capacidade de cada família rural de organizar a sua casa e preparar os líderes que conduzirão o setor nos próximos anos.